



FAMILIARES DE CRIANÇAS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: ANSEIOS E PERCEPÇÕES EXPRESSOS EM UMA INTERVENÇÃO DURANTE A PANDEMIA

FAMILY MEMBERS OF CHILDREN WITH HIGH ABILITIES/GIFTEDNESS: YEARNINGS AND PERCEPTIONS EXPRESSED IN AN INTERVENTION DURING THE PANDEMIC

Karina Fideles Filgueiras - Doutora em Educação pela FaE/UFMG, psicóloga clínica e educacional, professora no curso de Ciências Biológicas PUC Minas, unidade Coração Eucarístico (Rua Dom José Gaspar, 500 - Coração Eucarístico, Belo Horizonte - MG, 30535-901), coordenadora do Projeto de Extensão “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”.

E-mail: kfideles@hotmail.com

Iasmim Faria Nogueira - Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e monitora bolsista do projeto de extensão “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”. E-mail: iasmimf@hotmail.com

Mayra Stephanie Santos Avelar - Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e monitora bolsista do projeto de extensão “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”. E-mail: mayrastephanie11@gmail.com

RESUMO

O presente artigo é referente a uma prática extensionista desenvolvida junto aos familiares de crianças com altas habilidades/superdotação participantes do Projeto de Extensão “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Esse estudo tem como foco principal contribuir para reflexões a respeito da utilização e vantagens de grupos focais em moldes virtuais, como forma adaptativa ao contexto de pandemia. A intervenção aqui explicitada foi realizada no Grupo de Pais do projeto supracitado e refere-se a um texto dissertativo construído a partir da análise do filme “A Viagem de Chihiro”, lançado pelo estúdio Ghibli, em 2003 no Brasil. O trabalho realizado resultou em uma produção textual repleta de analogias entre as cenas do filme e as expectativas, anseios e medos paternos referentes ao comportamento e habilidades de seus filhos.

Palavras-Chave: Covid-19. Grupo focal. Mediação. Identidade. Frustração.

ABSTRACT

The present article refers to an extension program practice developed with the families of children with High Abilities/Giftedness participating in the Extension Project “Enrichment of Learning for the Development of Skills”, of the Pontifical Catholic University of Minas Gerais, in Belo Horizonte. This study has as main focus to contribute to reflections about the use and advantages of focus groups in virtual molds, as an adaptive way to the pandemic context. The intervention explained here was carried out in the Parent Group of the aforementioned project and refers to a dissertation written based on the analysis of the film “Spirited Away”, released by Ghibli studio, in 2003 in Brazil. The work carried out resulted in a textual production full of analogies between the scenes of the film and the expectations, anxieties and fears of the parents regarding the behavior and abilities of their children.

Keywords: Covid-19. Focus group. Mediation. Identity. Frustration.

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Universitária “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades” da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais tem como foco crianças com perfil de Altas Habilidade/Superdotação (AH/SD) e seus respectivos responsáveis, sendo que as crianças são agrupadas em oficinas semanais e os pais acolhidos no chamado Grupo de Pais. Contudo, com a paralisação inesperada das atividades presenciais, devido à pandemia de Covid-19, modificaram-se as estratégias de intervenção propostas, trazendo novos desafios para o desenvolvimento das atividades do projeto como um todo, bem como para o grupo de crianças e de pais/responsáveis. Nesse artigo retrataremos um pouco sobre a experiência dentro do grupo supracitado, que realizou suas atividades durante o primeiro semestre de 2020 de forma online, bem como a respeito da construção do produto final do grupo e quais inferências teóricas podemos tomar para interpretação do mesmo.

Vale ressaltar, que nas altas habilidades existe uma pluralidade de áreas nas quais as crianças podem se destacar e apresentar interesse, demonstrando um desempenho acima da média em uma ou mais áreas, ao mesmo tempo. Segundo Renzulli (1986), a superdotação é um comportamento biopsicossocial de causas genéticas e ambientais, que refletem uma interação entre três grupamentos básicos dos traços humanos, sendo estes correspondentes a habilidades gerais e/ou específicas acima da média, elevados níveis de comprometimento com a tarefa e grande criatividade.

Assim, as AH/SD referem-se a alunos com grande facilidade de aprendizagem que os leva a dominar rapidamente conceitos abstratos e práticos, bem como procedimentos e metodologias. Desse modo, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos devem receber desafios suplementares para que não sejam envolvidos em situações de tédio e desconforto frequente. Porém, a escola, em especial, apresenta dificuldades na adesão do enriquecimento curricular o que dificulta o desenvolvimento do potencial dessas crianças, já que muitos colégios alegam a inexistência de infantes com esse perfil em suas instituições devido aos diversos mitos que permeiam o assunto, ou acreditam que eles devam desenvolver-se sozinhos, sem orientação (MERLO, 2008).

Como combate a um pensamento engessado a respeito das capacidades dessas crianças, muitas vezes visto apenas como acadêmico, é importante referenciar os estudos de Howard Gardner (2005), que fundamentam a existência de sete tipos de inteligências múltiplas, sendo

essas classificadas de acordo com as facilidades as quais trazem para a vida de cada sujeito. As inteligências elencadas na pesquisa de Gardner representam áreas bem mais abrangentes do que em geral é valorizado culturalmente nos ambientes escolares, sendo nomeadas de: linguística, musical, lógica, interpessoal, intrapessoal, espacial e cinestésica. É importante ressaltar que todas são existentes nos seres humanos, sendo que cada uma as desenvolve em graus diferentes.

As dificuldades referentes à atuação com essas crianças para o desenvolvimento de suas potencialidades, melhorias das relações sociais e desconstrução de mitos sempre foi árduo devido às suas características particulares, e a falta de compreensão geral sobre o assunto advindo dos professores e demais pessoas da sociedade. Assim, a saída do sistema presencial para o virtual, trouxe muitas inseguranças, em especial para os pais que estão convivendo bem mais com as crianças, tendo a oportunidade, por exemplo, de observar as insatisfações das mesmas com os sistemas escolares que se organizam atualmente em EaD, permitindo que vejam suas reações e dilemas de forma clara. Além de outras situações adversas que geram nos familiares medos, e um desejo de trocar experiências com outros responsáveis.

No dia 11 de março de 2020 foi declarado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que a situação referente à existência do novo coronavírus, causador da doença Covid-19, passou-se de um estágio de epidemia para uma pandemia. Por isso, foi sugerido pela OMS que todos os países adotassem o protocolo de isolamento social, como uma medida protetiva para conter a doença (WHO, 2020). Assim, a conexão digital se tornou a principal forma de contato social seguro e foi utilizada em massa como tentativa de restabelecer uma suposta normalidade (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

É relevante ressaltar que o período de isolamento social provocado pela pandemia supracitada coincidiu com um momento histórico geral da consolidação da Internet 2.0, termo que se refere não a atualizações técnicas, mas sim a forma como a internet passa a ser percebida e utilizada, gerando a criação de diversos aplicativos. O mundo digital, agora, acaba por englobar como campo para socialização não apenas as redes sociais, mas as plataformas de videoconferência e *chats* disponibilizados com intuito de suprir a demanda escolar em modalidade presencial que se encontra paralisada. A Educação à Distância (EaD) mudou as lógicas de interação e aprendizagem, e acabou por não conseguir assegurar para alunos com necessidades educacionais especiais a acessibilidade ou a efetivação de uma ação educativa inclusiva (DIAS; PINTO, 2020).

A escassez de estímulo que provém da escola para os alunos com altas habilidades fundamenta a procura por recursos extras realizados de forma online, atividades que provoquem a curiosidade e propiciem o enriquecimento da aprendizagem, na tentativa de estimular, considerar e desenvolver as características de AH/SD. O objetivo central é promover o enriquecimento curricular incentivando esses alunos a continuarem com seus estudos e projetos pessoais, para que se sintam constantemente desafiados a aprender mais com atividades e oficinas dinâmicas (GAZETA, 2020). Tais proposições de atividades se justificam uma vez que crianças com o perfil de altas habilidades, muito comumente apresentam características como perfeccionismo, ansiedade, nível de autocrítica elevado e sensibilidade aguçada (PISKE, 2013) necessitando, desse modo, de um suporte atento e direcionado para que suas habilidades não se tornem danosas e desgastantes para a própria criança e para o mundo.

Os pais de crianças com superdotação sempre se preocuparam com a situação de seus filhos e, em geral, têm poucas informações sobre as suas necessidades, sentindo-se confusos e até mesmo impotentes a respeito de como proceder para estimular as altas habilidades (LOPES, 2018). Diante do contexto pandêmico que se apresenta sem a atuação próxima da

escola e de outras atividades extracurriculares configura-se um cenário de dúvida e conflitos internos individuais, fatos que aparecem frequentemente no Grupo de Pais, mobilizando a discussão e o estudo técnico sobre a temática.

DESENVOLVIMENTO

O conceito de família na primeira metade do século XX referenciava a um modelo majoritariamente hierárquico e tradicional, onde havia forte divisão do trabalho e papéis por gêneros construídos e naturalizados pela sociedade. Assim, havia pouco espaço no sistema familiar para diversidade, mudança ou opiniões divergentes (PRATTA; SANTOS, 2007). A segunda metade do século XX trouxe grandes mudanças para a estrutura familiar, devido a transformações sociais, econômicas e trabalhistas. Para as crianças a maior mudança se dá pela importância dada aos processos de desenvolvimento, a valorização do diálogo, e a ideia de que a educação deve ser vinculada à afetividade. A contemporaneidade, assim, traz os mecanismos necessários para apontar a importância do sujeito e da individualidade dentro da estrutura familiar, por meio do reconhecimento da subjetividade e dos anseios psíquicos. A família então, é vista como o local onde ocorrem muitas das relações dos indivíduos podendo influenciá-lo positivamente ou negativamente (BELING, 2008).

O sistema familiar pode ser considerado como aquele que mais influencia diretamente o desenvolvimento de uma criança (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999). Esse fato se dá devido ao padrão de papéis, atividades e relações interpessoais que são vivenciados no seio familiar e cujas trocas são a base para o crescimento emocional e social do sujeito (SILVA *et al.*, 2008). É na família que a criança aprende a forma humana e cultural de existir, trazendo ao mundo significados específicos. Na troca intersubjetiva o infante começa a constituir-se como sujeito, já que os familiares são e se consideram o referencial primário para a formação da identidade (SZYMANSKI, 2004).

A interação entre os membros da família permite a formação de uma base para percepções de diferenças e valores que facilitam tanto a afirmação da identidade quanto do autoconceito (SIMÕES *et al.*, 2008). O autoconceito, de acordo com Cooley (1902), enfatiza a relação do eu com a sociedade, sendo formado a partir do que o indivíduo observa da forma como os outros o definem, como uma imagem refletida em um espelho. A Teoria do Espelho de Cooley é bastante relevante por considerar o simbolismo interativo, estabelecendo o autoconceito como uma consequência das avaliações sobre si realizadas pelas pessoas de seu ambiente próximo. Contudo, nesse processo nem todas as pessoas que cercam a criança têm a mesma influência na formação de seu autoconceito sendo as figuras parentais os focos principais. A ideia a respeito do autoconceito acabou sendo mais elaborada por Markus e Wurf (1986) passando a ser um processo de movimentos interpessoais que constituem um sistema de processamento de informação, regulação afetiva e processos motivacionais, todos permeados por questões interpessoais que incluem percepção social, comparação social e interação social.

O autoconceito muitas vezes pode receber interferências do perfeccionismo, sendo esse também muito associado à comparação social. Os sujeitos com um perfeccionismo adaptativo não se percebem demasiadamente preocupados com as avaliações dos outros quanto ao seu desempenho, o que permite que a pessoa cometa erros e apresenta exigências realistas e razoáveis. Contudo, o perfeccionismo não saudável faz com que o indivíduo perceba seus erros como algo humilhante gerando extrema frustração e ansiedade (MACEDO; POCINHO, 2007). Moreira (2005) realizou um estudo no Distrito Federal e concluiu que 19,61% dos estudantes com altas habilidades num contingente de cinquenta e um alunos consideravam a si mesmos

como perfeccionistas não saudáveis. Esse fato fundamenta a importância de se trabalhar, por exemplo, as inúmeras cobranças que determinados pais podem ter a respeito dos filhos, já que esse comportamento alimenta um perfeccionismo disfuncional e o aparecimento de explosões de frustrações, ao invés de colaborar para um amadurecimento emocional em níveis crescentes e estáveis.

O amadurecimento de uma criança está conectado à suas experiências de vida, à cultura que ela está inserida e com que atores ela se relaciona. Assim, com o seu amadurecimento crescente, ela começa a demonstrar e utilizar um pensamento cada vez mais lógico, tornando-se mais estável, capaz de abstrair cada vez mais. O infante passa a perceber que da mesma maneira que ele, os outros são capazes de ler suas intenções e sua forma de agir, fato que permite que ele se adeque a diferentes situações cotidianas por meio do simbólico. Este amadurecimento está ligado principalmente à entrada na escola, pois as demandas desse ambiente prezam pelo novo e complexo. As crianças vão descobrindo traços e características do mundo e dos objetos as quais não tiveram contato no círculo familiar, descobrindo que podem fazer uma série de comportamentos de forma independente. Por isso, vão se distanciando um pouco dos pais e criando novas amizades, entrando em grupos e definindo sua personalidade. As amizades vão ficando mais baseadas em afinidades e compartilhamentos de pensamentos e opiniões substituindo as relações imediatas que se estabeleciam antes. Logo, ao passar a se identificar com grupos sociais criasse um espaço para o surgimento da adolescência, fato que assombra e gera temores nos pais (COLL; PALACIO; MARCHESI, 2005).

Segundo Alencar (2007) algumas crianças com AH/SD tem dificuldades de lidar com o seu desenvolvimento intelectual e emocional. Os pais observando tais vivências em seus filhos sentem-se frustrados e impotentes por não saberem como ajudar. A maior parte dos responsáveis não sabem como lidar com os anseios, nervosismos e pressões que suas crianças sofrem, e por isso, se sentem perdidos com algumas situações. A dificuldade de muitas crianças com altas habilidades está relacionada a perfeccionismos, ou até mesmo a introjeções advindas da sociedade que tentam convencê-las que necessitam sempre serem as melhores, tirando notas excelentes e sabendo de tudo sem falhas. Sendo assim, os pais de crianças com AH/SD frequentemente se encontram em um dilema a respeito de que ações tomar, como superar os mitos, sofrendo, a partir da dúvida sobre qual seria a forma mais saudável de lidar com seus filhos. Como alternativa acabam procurando ajuda para si e para os infantes, encontrando em sua maioria grupos de apoio com pais que possuem preocupações semelhantes.

Nos dias atuais os seres humanos estão aprendendo a se reinventar. Os métodos e formas de interação, comparação e percepção social ganharam um intermediador, as telas. As pessoas estão vivendo o mundo de outra forma, permeados pela tecnologia. Grupos que eram presenciais agora estão se adaptando ao *online*. Porém, independente de serem virtuais ou não os grupos, de acordo com Ruediger Riccio (2004) têm por objetivo conhecer as crenças, sentimentos e ideias de seus participantes visando sua reflexão, adaptação, mudança, estímulo para novas aprendizagens para o enfrentamento de uma dada realidade, coleta de informações para pesquisa ou formulação de ações posteriores. O grupo pode trabalhar a partir de uma temática proposta, podendo ser chamado de grupo focal, utilizando técnicas específicas para dinamizar a discussão. A estrutura grupal tem um foco de trabalho, uma questão pré-definida, que será objetivo de sua reflexão tendo início, meio e fim, podendo ter regras e definições de participantes (AFONSO, 2006).

Segundo os autores Abreu, Baldanza e Gondim (2009) há algumas vantagens no grupo focal online como não precisar gastar tempo nem dinheiro com deslocamento e permitir a participação de sua própria casa, o que promove maior espontaneidade, dinamicidade e con-

tribui para a interação dos participantes. O grupo focal online é uma nova forma de troca de experiências, se constituindo como um espaço para interações diversas. Os mediadores, nesse contexto, criam novas formas de conduzir o grupo, já que muito provavelmente nem todos os participantes estarão com as câmeras ligadas, permitindo a interpretação das fisionomias, ou vão querer falar usando seus microfones utilizando apenas o chat, excluindo assim, a possibilidade da interpretação do tom de voz.

A partir dessas concepções teóricas sobre AH/SD, vivências digitais, família, desenvolvimento, autoconceito, frustração, aprendizagem e grupos focais foi proposta a intervenção no âmbito do Projeto de Extensão Universitária “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”. Os objetivos desta intervenção foram analisar os resultados de uma intervenção grupal realizada de forma virtual a fim de comprovar sua eficácia, observar o comportamento dos responsáveis pelas crianças perante uma atividade de construção de um texto conjunto que propunha a análise de um filme e refletir sobre as analogias e ideias dadas pelos pais perante as situações apresentadas pelo filme, investigando seus conhecimentos e interpretações a respeito da temática central. O presente artigo descreve como aconteceu a realização da atividade, desde os momentos de planejamento e implementação, até o desenvolvimento e resultado final.

METODOLOGIA

Métodos de pesquisa

O estudo, objeto da análise apresentada, foi realizado com nove responsáveis de crianças participantes do projeto de extensão “Enriquecimento da Aprendizagem para o Desenvolvimento de Habilidades”, pertencente à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, sede Coração Eucarístico.

A pesquisa desenvolvida para a produção desse artigo é de natureza qualitativa, com características de pesquisa participativa, nesse caso nomeada de pesquisa intervenção. Essa forma de pesquisa tem como proposta de atuação uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. Tal pesquisa fundamenta que essa interferência não se apresenta como uma dificuldade da pesquisa, uma subjetividade a ser superada, mas sim uma condição para o conhecimento (FLICK, 2009).

A princípio a pesquisa intervenção é um modo de acessar a realidade investigada. Além disso, como relata Flick (2009), ela tem o objetivo de promover ações que coloquem o fenômeno em movimento para ser possível sua análise, interpretação e investigação. A pesquisa intervenção, portanto, vai além do típico papel de observador do pesquisador. Assim, ele se envolve no processo de significação, ou seja, o método constitui-se tanto como caminho quanto produto da pesquisa. Contudo, a observação ainda sim, é utilizada como uma técnica de grande valor.

Por fim é possível dizer, que foi utilizado o método da revisão narrativa de literatura. Tal revisão não tem o intuito de esgotar as fontes de informações e não aplica estratégias de busca exaustivas e sofisticadas, logo a seleção e interpretação estão sujeitas a subjetividade do autor (FLICK, 2009).

Procedimentos

O Grupo de Pais do projeto de extensão universitária supracitada tem como objetivo principal colaborar com a troca de experiências entre pais de crianças com altas habilidades, sendo realizado primordialmente por meio de encontros temáticos. Tal grupo aconteceu quinzenalmente, no horário de 15 às 17 horas, onde participaram em torno de nove responsáveis de crianças integradas ao projeto, no qual foi mantido o mesmo formato do presencial, mas agora realizado por intermédio de uma plataforma de vídeo chamadas devido a presença da pandemia. O grupo foi mediado por duas extensionistas do curso de Psicologia, sendo um grupo alto construtivo, no qual os pais tinham como foco trazer sua própria voz e opinião para o debate. No final do semestre os pais apresentaram um produto final construído no e pelo grupo, a partir do que foi discutido e trabalhado durante os encontros. O foco foi a apresentação no último dia do semestre para as crianças e para os outros responsáveis que não participavam do grupo, por motivos diversos, entre os quais o horário de trabalho.

Durante o primeiro semestre de 2020 o Grupo de Pais trabalhou questões sobre a temática central do Projeto de Extensão, as altas habilidades, com materiais alternativos como o livro “A Diferença Invisível”¹, que trouxe a oportunidade de discutir sobre o tema da diferença, enquanto o documentário “O Circo das Borboletas”² proporcionou questões a respeito do ato da mediação. Já o curta metragem “*Silent*”³ foi utilizado para trabalhar a frustração e a cartilha “PDI - Plano de Desenvolvimento Individual do Estudante”⁴ teve como foco a possibilidade da realização de uma triagem em relação às dificuldades e facilidades das crianças com AH/SD frisando orientações para futuras intervenções. O grupo finalizou o semestre trabalhando com o filme “A Viagem de Chihiro”⁵, material base para o desenvolvimento do produto final. Foi realizada uma análise do filme supracitado, com o objetivo de relacionar todos os temas que foram trabalhados durante o semestre a respeito das altas habilidades. Vale destacar que nenhum dos materiais citados são voltados diretamente para o assunto das AH/SD, contudo puderam ser utilizados como estímulo para desencadear discussões que dificilmente poderiam surgir em outro contexto.

Pode-se destacar que no primeiro semestre de 2020 foram realizados 6 (seis) encontros online síncronos, por meio de uma plataforma de vídeo chamadas, porém esse não foi o único meio de comunicação entre as extensionistas e os pais. Também foi criado um grupo para troca de mensagens, no qual participavam as extensionistas responsáveis e os familiares que participaram das reuniões. Esse grupo se autogeriu de forma quase automática, já que os pais colocavam suas ideias e com base nas mesmas fundamentavam discussões a respeito do que seria trabalhado nos próximos encontros online. Além disso, interagem com as diversas informações trazidas pelas extensionistas e chegavam à conclusões de vários pontos a respeito do trabalho, dentre eles é importante destacar diálogos sobre como seria o produto final do semestre.

1 CAROLINE, Mademoiselle; DACHEZ, Julie. A Diferença Invisível. São Paulo: Nemo, 2017. 192 p.

2 O CÍRCULO, das Borboletas. Diretor de fotografia: Brian Baugh. Editor: Chris Witt. Música: Timothy Williams. Red Digital Cinema: A Peacetre Productions & A Doorpost Film Project Production, c2009. 1 Curta Metragem (19:59 MIN).

3 SILENT. Direção: Dolby Laboratories. Som: Steve Boeddeker. Oscar: Moonbot Studios, c2014. 1 Curta Metragem (2:39 MIN).

4 BRASIL. Secretaria de Estado de Educação. Plano de Desenvolvimento Individual do Estudante: orientações para construção. Minas Gerais, 2018, p. 1-52.

5 A VIAGEM, Chihiro de. Direção: Hayao Miyazaki. Produção: Toshio Suzuki. Intérpretes: Rumi Hiragi, Miyu Irino, Mari Natsuki e outros. Roteiro: Hayao Miyazaki. Música: Joe Hisaishi. Tokio: Studio Ghibli, c2001. 1 DVD (124 MIN).

Assim, foi escolhida como parte central da intervenção aqui retratada, justamente a produção textual do produto final do grupo que foi desenvolvida a partir da exibição do filme “A Viagem de Chihiro”, o qual os pais assistiram com seus respectivos filhos. Foi instruído para que cada um escrevesse um pequeno trecho relacionando o filme e as temáticas que foram trabalhadas anteriormente no grupo virtual. A partir disso, os pais apresentaram suas observações no grupo destinado às trocas de mensagens assíncronas e com auxílio das extensionistas foi construído um texto dissertativo. Os responsáveis, em seguida, dividiram-se, escolheram três mães e um pai para representarem o grupo todo, com a função de gravarem áudios realizando a leitura do texto, com o objetivo de produzir um vídeo. Deste modo, foi decidido pelos próprios integrantes do grupo que cada um dos escolhidos iria gravar um áudio teste enviando em seguida na ferramenta de troca de mensagens para que fosse alinhado o tom de voz, e assim foi feito. Em seguida, iniciaram-se as gravações dos áudios oficiais, que receberam críticas e elogios dos participantes da atividade. Por fim, todo o trabalho resultou em quinze áudios, sendo um áudio por parágrafo do texto dissertativo original, os quais foram agrupados em um vídeo único com cenas do filme. Além disso, como resultado, também foi finalizada uma arte em formato de “artigo de revista” do texto original.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme “A Viagem de Chihiro”, produzido por Hayao Miyazaki, e lançado no Brasil em 2003, foi utilizado como ponto de partida para desencadear reflexões nos pais participantes do grupo, por ser um recurso midiático que possui uma grande gama de interpretações possíveis. Assim, os personagens, discursos e cenas pouco diretivas possibilitaram aos integrantes do grupo uma identificação com a película, gerando um movimento de construção de relações entre algumas cenas cinematográficas e situações vivenciadas em seu cotidiano enquanto pais, com seus filhos que possuem altas habilidades. Mesmo que o tema do filme não seja em nenhum momento as AH/SD de fato, foi possível que os responsáveis realizassem inferências pela sua conexão com a temática, enquanto objetivo central do grupo, apresentando, assim, um olhar atento a identificar possíveis comportamentos chave que pudessem ser conectados às suas próprias experiências. Como podemos observar no trecho a seguir:

Assim, cada um deles têm vida própria, como ocorre na vida real, e a partir de cada um é possível fazer uma leitura diferente da história, o que torna o filme muito rico e complexo, proporcionando os mais variados caminhos de interpretação. A existência de personagens tão bem desenvolvidos *permite um paralelo com a vida de nossas crianças*, as quais como Chihiro que encontra um trabalho sem “roubar o de ninguém”, fazendo algo útil e se adaptando até certo ponto, esperamos que as nossas crianças encontrem um meio termo, entre agir no mundo como almejam e se adequem ao contexto, as pessoas, para que a vida em sociedade lhes seja possível e não disfuncional. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

Motivados pelo intuito de passar conhecimentos sobre as altas habilidades, de forma leve e descontraída, através da análise de um filme, os pais construíram um texto repleto de afetos, dúvidas e anseios, feito estritamente a partir da sua própria visão e sentimentos a respeito da temática. Sua construção foi possível pelo envolvimento deles com o objetivo comum do grupo: a discussão a respeito da vivência familiar com crianças com altas habilidades. Demonstrou-se assim durante o andamento do grupo, as ideias preconizadas por Ruediger Riccio (2004), já que o grupo teve por objetivo conhecer crenças, sentimentos e ideias de seus participantes visando sua reflexão e adaptação.

Dessa maneira, a conexão entre ficção e realidade foi o suporte para que demandas em relação às dificuldades de lidar com as crianças superdotadas fossem projetadas no filme, permitindo as interpretações trazidas pelos pais e contidas na análise. Tais interpretações foram realizadas a partir da vontade de expressar seus próprios desejos e expectativas, bem como seus anseios pelo ato de compartilhar com o grupo vivências e pensamentos. Uma das maiores dificuldades percebidas no discurso trazido pelo texto diz respeito ao medo de ver a criança sofrer, passar por dificuldades, ao mesmo tempo que surge uma compreensão sobre a impossibilidade de não permitir que a criança tenha problemas e enfrente sozinha situações no mundo, fato exposto na seguinte passagem:

O filme trata de uma jornada de autoconhecimento e amadurecimento da personagem principal, Chihiro. Ela é *lançada* em um mundo completamente estranho sozinha, sem os pais, sem as estruturas que lhe são familiares. E nesse novo mundo, tem que se defender, buscar amigos, encontrar caminhos, resolver problemas. Chihiro *luta com suas dificuldades, com seus medos*. É obrigada a sair do lugar, a se virar. E ao longo do filme percebemos claramente *sua evolução, seu desenvolvimento*. (...) Assim, como Chihiro, que precisou passar por todas as dificuldades sem ter os pais por perto para que amadurecesse e se tornasse mais confiante. *É possível pensarmos que nós pais precisamos saber em que momento deixar nossos filhos lidarem com seus próprios problemas e saírem das dificuldades*. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

Outro ponto que pode ser destacado diz respeito à percepção das altas habilidades pelos responsáveis como “ferramentas insuficientes”, sendo necessário o desenvolvimento de valores como por exemplo o respeito, a gentileza e a empatia para além das competências típicas percebidas nas AH/SD. Os pais demonstram se sentirem responsáveis junto com as escolas pelo desenvolvimento dessas características. Dessa forma, é perceptível uma valorização e interesse pelo desenvolvimento infantil, sendo que o recurso para interferência nas vivências das crianças é o diálogo. Os pais consideram a família como tendo o potencial para influenciar o infante positivamente, por ser um local onde ocorrem muitas das relações dos indivíduos e assim, apresentando a capacidade de ampliar diversos valores, fato comprovado e estudado por Minuchin, Colapinto e Minuchin S. (1999). O adulto nesse contexto, então, é visto como mediador no processo de desenvolvimento, de acordo com os responsáveis, que também consideram que a visão que os pais têm de seus filhos influenciam diretamente no autoconceito das crianças, forma de pensamento bastante semelhante às teorias de Cooley (1992). Além disso, uma ideia central para eles é de que a educação deve ser vinculada à afetividade, indo ao encontro às ideias expressas por Beling (2009), sendo um apoio para o desenvolvimento de valores humanos que permitirão na visão dos participantes do grupo que seus filhos resolvam de forma saudável os conflitos cotidianos. Como podemos perceber no seguinte parágrafo:

Mas ela é sempre *doce, respeitosa, educada*. Valores que ela já tinha, desenvolvidos pelo ambiente familiar e escolar anterior, e que a ajudaram em sua trajetória. Serviram, assim, de ferramentas para que ela alcançasse seus objetivos e resolvesse os vários problemas que foram surgindo ao longo do caminho. Assim, *é o nosso papel de pais e educadores: oferecer com amorosidade e cuidado o alicerce educacional e vivencial* para a base que será de extrema importância para que as nossas crianças tomem suas decisões, escolham seus caminhos, mas, principalmente, resolvam seus problemas. *Devemos acreditar em nossos filhos, para que a forma como os vemos os levem a se enxergarem cada vez mais potentes*. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

Outra dificuldade que assombra os pais é a frustração perceptível nas crianças. Seus descontroles emocionais recorrentes são vistos por eles como preocupantes e como negativos para o desenvolvimento da criança. Contudo, os discursos familiares no produto final não demonstraram um caminho de intervenções em casos como esses, fato que comprova a argumentação de Alencar (2007), referente aos pais não saberem, frequentemente, lidar com as frustrações e nervosismos de suas crianças. Eles apenas trazem constatações sobre sua forma de ocorrência e motivos geradores aparentes que variam. Porém, o medo de fracasso e rejeição por parte do infante é apontado na interpretação geral do texto como causa principal da frustração e descontrole, evidência presente no trecho:

Na parte inicial do filme, vemos a personagem principal, Chihiro, uma menina de 10 anos, tendo que lidar com situações onde ela é confrontada pelo novo, por inseguranças, desafios e medos. Chihiro *expressa suas frustrações por meio de argumentos, choros, birras e até mesmo se recusando a agir* quando o desafio lhe parece difícil demais. Nossos filhos com altas habilidades muitas vezes agem de forma semelhante quando se sentem frustrados. Por isso, argumentam, ficam bravos e até evitam continuar em alguma situação, se a mesma gerar uma *expectativa, mesmo que mínima, de fracasso, rejeição* ou implicar em resultados diferentes daqueles almejados por eles. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

O medo do fracasso, é posto em questão pelos pais, como podendo estar associado a um comportamento típico de crianças com AH/SD: o alto grau de perfeccionismo. O perfeccionismo não saudável, estudado por Macedo e Pocinho (2007), faz com que o indivíduo perceba seus erros como algo humilhante e atrapalha as relações sociais por cobrar muito de todos à sua volta, podendo até mesmo parecer arrogante. A energia gasta com um perfeccionismo negativo é questionada pelos pais e retratada como desnecessária, fato que se mostra bastante relevante, na citação a seguir:

(...) ela mostra humanidade, por perceber que todos nós somos humanos, com qualidades e defeitos, fato de extrema importância para ser compreendido pelas crianças com altas habilidades, que possuem uma forte tendência a cair em um *perfeccionismo negativo, por invalidarem suas conquistas devido aos pequenos erros, ou cobrarem excessivamente das pessoas a sua volta*. O que aconteceria se elas pudessem perceber que todos temos tudo em nós? E que não há nada de errado nisso? *Talvez, se tornassem muito mais leves*. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

O receio dos pais também abarca questões a respeito do termo AH/SD demonstrando dúvidas sobre sua utilização. O ponto principal é a possibilidade dele se fundamentar no imaginário das crianças de forma negativa, devido aos mitos que a escola e a sociedade trazem à tona, comprovando questões já colocadas em pauta por Alencar (2007). A referência a crianças com superdotação como pequenos gênios é tida pelos responsáveis como um perigo eminente para o desenvolvimento de problemas na família extensa e nos colégios, devido a uma cobrança excessiva ou um descaso para com o infante. Muitas vezes, esse incômodo acaba sendo um motivo para esconder da família e até mesmo dos seus próprios filhos o fato de possuírem altas habilidades, questão relatada durante os encontros do grupo. Amiadamente, o argumento central do temor é o fato de que pessoas que desconhecem o que são AH/SD apresentam comportamentos que visam rotular as crianças, motivados por mitos que centram a temática a uma capacidade excepcional em português ou matemática, desconsiderando as artes, a dança e tantas outras áreas. Assim, a recusa a esses rótulos e cobranças, se fundamenta como um combate a “robotização” e a perda da identidade. Como pode ser visto na citação abaixo:

Que eles não sejam o que a sociedade tentar lhes rotular, como “gênios”, “os melhores” ou os “mais inteligentes”, se tornando, no futuro, adultos sem identidade, como a personagem Kaonashi, o “Sem Rosto” que vão se moldando a partir do seu entorno, ao invés de ser algo. (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

A hipótese da perda da identidade também pode ser vista no discurso familiar como ligada ao ambiente escolar. Em geral, as falas permeiam a visão de que a criança por não querer ficar isolada, ou ser considerada estranha, acaba por tentar se enquadrar em um novo padrão, mais aceito socialmente. Essa perspectiva gera nos pais um conflito entre o desejo de ver seu filho socializado e o medo de vê-lo se perder, ou esconder características de sua personalidade. Os responsáveis percebem-se, assim, em uma angústia crescente ao verem seus filhos se transformando e entrando em padrões que antes não demonstravam, fato bastante retratado nos estudos de Coll, Palácio e Marchesi (2005). Dessa forma, há em seus argumentos receio da influência dos grupos sociais, e uma falta de parâmetros para definir até que ponto as ações das crianças se constituem apenas como um comportamento padrão da adolescência normal. Esse receio corrobora com argumentos de Szymanski (2004), os quais apontam que os familiares se consideram o referencial primário para a formação da identidade infantil e assim, se sentem responsáveis pelo que no futuro vão se tornar. Nessa fase há a constituição de um mundo para além do grupo familiar, onde o infante vai se identificar, desenvolver suas questões, através da criação de grupos com pessoas que tem afinidade, que gostam das mesmas coisas, e até mesmo compartilham pensamentos e opiniões, como relatam Coll, Palácio e Marchesi (2005). Fundamenta-se assim, um grande desafio para os pais, que se colocam como mediadores de um processo que deve conciliar as relações sociais e a permanência da individualidade.

É possível fazermos um paralelo com a realidade de nossos filhos, pois muitas vezes, para tentar se encaixar ou não se destacar dos colegas, as crianças com altas habilidades *tendem a se apagar, a esconder seus talentos*. Fato que pode provocar dor e insegurança e, com o decorrer dos anos, pode levar a uma vida adulta frustrada. *Manter a própria identidade na escola, na adolescência*, é um desafio comum a todos nós, mas ainda maior para as crianças com altas habilidades: que lugar elas podem ocupar em um mundo que prima pela *homogeneização e massificação* e não valoriza a diferença? (TEXTO produzido coletivamente pelo Grupo de Pais, 2020. Mimeo. Grifo nosso.).

Logo, é possível observar que os pais de crianças com AH/SD têm inúmeras dúvidas, anseios, e medos a respeito de como seus filhos irão se desenvolver, e muitas vezes as frustrações das crianças acabam refletindo nos discursos paternos. Assim, o desenvolvimento intelectual e emocional do infante vai depender muito de como é o mundo em que ele vive, e quais influências familiares adquire. Esse fato é dependente de como ocorre a gestão das emoções e comportamentos reais dos próprios responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os participantes do Grupo de Pais demonstraram satisfação após a realização do produto final proposto, confirmando verbalmente terem tido uma experiência prazerosa e motivadora. Assim, é possível inferirmos que houve receptividade ao modelo de grupo operativo online, proposto como alternativa para manutenção de laços e produção de conhecimentos durante a pandemia de covid-19, já que os processos se dão nos grupos e pelos mesmos, por meio das afetações e das relações que permitem a existência de uma potência de transformação. O produto final do grupo resultou em uma confirmação empírica da possibilidade de um tra-

balho colaborativo realizado virtualmente. Por meio do produto final, ou seja, a análise do filme, a qual se encontra repleta de experiências pessoais dos responsáveis, é possível notar que dificilmente as compreensões nele expressas poderiam se evidenciar fora do contexto de interpretação da película. Ressalta-se que a participação das extensionistas enquanto mediadoras do Grupo de Pais contribuiu para o crescimento e desenvolvimento do mesmo, através do incentivo da troca de experiências, favorecendo a percepção de como cada familiar poderia lidar com seus filhos e com as altas habilidades. Dessa forma, o resultado obtido foi a comprovação de que a realização de grupos focais virtuais com responsáveis de crianças com AH/SD é eficaz, visto que ocorreu o amadurecimento dos pais que fizeram parte das reuniões devido ao trabalho de suas questões e dificuldades específicas. Esse fato ocorreu em especial pelas discussões realizadas durante o semestre, que culminaram no produto final exposto, o qual demonstrou a capacidade de compreensão dos mesmos referente às altas habilidades e das dificuldades e desafios que os cercam, já que foram capazes de realizar analogias coerentes a respeito da temática e que vão de encontro a literatura teórica vigente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. R. de; BALDANZA, R. F.; GODIM, S. M. G. Os grupos focais *on-line*: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **JISTEM J. Inf. Syst. Technol. Manag**, São Paulo, v. 6 n. 1, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-17752009000100002. Acesso em: 16 set. 2020.
- ALENCAR, E. M. L. S. de. Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 371-378, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200018>. Acesso em: 9 set. 2020.
- BELING, C. A. **A família e o sujeito: um processo de construção e influências mútuas**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2642>. Acesso em: 14 set. 2020.
- COOLEY, C. H. **Human nature and social order**. New York: Scribner's, 1902.
- COLL, C.; PALACIO, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.
- DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências auto infligidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, supl. 1, p. 2479-2486. Epub. 5 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>. Acesso em: 27 ago. 2020.
- DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 28, n. 108, p. 545-554. Epub 6 jul. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362019002801080001>. Acesso em: 28 ago. 2020.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GARDNER, Howard. **Multiple lenses on the mind**. In: EXPO ESTIONCONFERENCE, Bogotá, mayo 2005.
- LOPES, A. **A criança com superdotação / altas habilidades: o papel da escola no desenvolvimento de talentos**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Faculdade Capixaba da Serra, 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/a-crianca-com-superdotacao-altas-habilidades-o-papel-da-escola-no-desenvolvimento-de-talentos.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MACEDO, A.; POCINHO, F. **Obsessões e compulsões: as múltiplas faces de uma doença**. Coimbra: Quarteto, 2007.

MARKUS, H.; WURF, E. The dynamic self-concept: a social psychological perspective. **Annual Review of Psychology**, v. 51, n. 4, p. 858-856, 1986.

MERLO, S. **O aluno com altas habilidades/superdotação e sua inclusão na escola**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2775/Merlo_Sandra.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 set. 2020.

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MOREIRA, G. E. **Perfeccionismo em adolescentes superdotados atendidos em um programa para alunos com altas habilidades/talentosos**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Mestrado em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

PISKE, F. H. R. **O desenvolvimento socioemocional de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) no contexto escolar: contribuições a partir de Vygotsky**. 2013. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30123/R%20-%20D%20-%20FERNANDA%20HELLEN%20RIBEIRO%20PISKE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>. Acesso em: 28 ago. 2020.

RENZULLI, J. S.; REIS, S. M. **The three-ring conception of giftedness: a developmental model for creative productivity: the triad reader**. Connecticut: Creative Learning, 1986.

RUEDIGER, M. A.; RICCIO, V. Grupo focal: método e análise simbólica da organização e da sociedade. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (org.) **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552005000200011>. Acesso em: 16 set. 2020.

SILVA, N. C. B. da *et al.* Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 27 ago. 2020.

SIMÕES, F. *et al.* Desenvolvimento do autoconceito pela tutoria pedagógica por crianças do primeiro ciclo. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 2, p. 327-336, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pee/v12n2/v12n2a04.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

SZYMANSKI, H. Práticas educacionais familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, v. 21, p. 5-16, maio/agosto 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000200001>. Acesso em: 8 set. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Coronavirus disease 2020 (COVID-19)**. Situation Report - 67. Geneva: WHO; 2020.

Data de recebimento: 18/09/2020

Data de aceite para publicação: 30/11/2020